

# CONCEITUANDO HOMOSSEXUALIDADE

Francisco Carlos MOREIRA FILHO<sup>1</sup>  
Daniela Martins Madrid<sup>2</sup>

**RESUMO:** No presente artigo será tratado do conceito de homossexualidade, no qual se verificará que o referido termo não é tão abrangente, não se inserindo no termo homossexualidade o transexualismo e o intersexualismo. E que a homossexualidade também não parece ser uma questão de livre escolha do indivíduo e nem um desvio psicológico e comportamental.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Transexualismo. Intersexualismo. Orientação Sexual.

## 1 INTRODUÇÃO

No presente artigo foi tratado da conceituação de homossexualidade de questões psicológicas e biológicas. Foi discutido a referida conceituação de homossexualidade a fim de demonstrar que o preconceito que gira em torno dos homossexuais não tem justificativa, sendo de suma importância em que a homossexualidade não é uma doença nem um transtorno psicológico, devem os homossexuais serem tratados com igualdade, em que se alcançando o respeito da maioria, se alcançará a dignidade humana da qual todo ser humano tem direito.

Teve por objetivo o presente trabalho, chegar ao correto conceito de homossexualidade, em que foi alcançado o objetivo deste artigo, mediante estudos comparativos, históricos e bibliográficos.

---

<sup>1</sup> Discente do 5º ano do curso de Direito das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente, e-mail: mandaprofrancisco@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente do curso de Direito das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Especialista em Direito Civil e Processo Civil pelas Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente, Supervisora de Monografia e Supervisora de Prática Profissional pela mesma Instituição. E-mail: danielamadrid@unitoledo.br. Orientadora do trabalho.

## 2 DESENVOLVIMENTO

Segundo Débora Vanessa Caús Brandão (2002, p. 15) o termo “homossexual” foi utilizado pela primeira vez em 1869, pelo médico húngaro Karoly Benkert, que aplicou o referido termo em uma carta enviada ao Ministério da Justiça da Alemanha do Norte, em defesa de homens homossexuais que estavam sendo perseguidos por questões políticas. A palavra é formada pela raiz da palavra grega “homo”, que significa “semelhante” ou “igual”, e pela palavra “sexual” da palavra latina “sexus” que vem a ser “sexo”, na qual pode-se concluir que “homossexual” seja “sexualidade semelhante”.

Unindo o posicionamento acima e, de acordo com Maria Berenice Dias, a palavra “homossexualidade” pode ser compreendida da seguinte forma:

Exprime tanto a idéia de semelhante, igual, análogo, ou seja, homólogo ou semelhante ao sexo que a pessoa almeja ter, como também significa a sexualidade exercida com uma pessoa do mesmo sexo. (DIAS, 2000, p. 31)

Este é, portanto, o termo mais utilizado para designar a relação masculina, porém não é o único. Também é utilizado o termo “Sodomia” em referência a cidade bíblica de Sodoma, que foi destruída por Deus, devido à prática de pederastia de seus habitantes; e a palavra “Uranismo” que vem de Urânia, nome latino da deusa Afrodite, a deusa do amor (BRITO, 2000, 44).

Para designar a relação entre mulheres, é utilizado três termos, sendo eles: Sofismo, que se origina de Sappho, poetisa grega, que tinha uma vida sexual irregular, se relacionando com as mulheres da ilha em que vivia, sendo esta ilha do Mar Egeu, chamada de Lesbos, de onde se retira o segundo termo, para designar a relação sexual entre mulheres, dando a denominação de lesbianismo (BRANDÃO, 2002, p. 17). Já a terceira denominação, tribadismo, é dada na obra de Fernanda de Almeida Brito (2000, p. 45) “é o tribadismo que provém do grego “tribas”, de tribo =

esfregar, friccionar. Designa, portanto, a prática sexual pela fricção mútua dos órgãos genitais, clitoris com clitoris”.

A medicina e a psicanálise durante muito tempo, consideraram a homossexualidade como doença, tanto que era tratada por “homossexualismo” em que o sufixo “ismo” conferia a idéia de doença, sendo, dessa forma, tratado como tal. Em 1975, foi inserido na Classificação Internacional das Doenças – CID, como sendo um transtorno sexual. Em 1985, a Organização Mundial de Saúde – OMS, publicou Circular, informando que o “homossexualismo” deixava de ser uma doença, passando a ser considerado um desajustamento comportamental. Mas foi em 1995, que o “homossexualismo” deixou de ser considerado um distúrbio psicossocial e conseqüentemente deixou de constar no CID, sendo substituído o sufixo “ismo” pelo sufixo “dade”, que passou a significar “modo de ser”.

É importante considerar que o termo “homossexualidade” não é um termo tão abrangente, não devendo ser utilizado para designar condutas ou atos considerados não “normais” moralmente, como a “pederastia”, “intersexualismo” e “transexualismo” ou “travestismo”, em que no primeiro, o pederasta é a pessoa que tem atração por jovens, podendo ser homossexual, bissexual ou heterossexual, já com relação ao “intersexualismo” e “transexualismo” existem diferenças, e a diferença é maior ainda com relação à homossexualidade, devendo os dois casos serem brevemente apresentados.

## **2.1 INTERSEXUALISMO E TRANSEXUALISMO**

O “intersexualismo” ocorre na formação do indivíduo, podendo levar ao hermafroditismo, em que o indivíduo possui as características físicas e psíquicas dos dois sexos, ou seja, ocorre uma má formação congênita do indivíduo, podendo levar o mesmo a possuir as características dos dois sexos, contudo esta má formação não os torna necessariamente homossexuais. Por ter características dos dois sexos, é importante que esta pessoa se defina a qual característica lhe pertence, já que em muitos casos de “intersexualismo” ou “hermafroditismo” pode ser corrigido mediante cirurgia plástica.

Já no “transexualismo” não ocorre uma má formação do indivíduo, este por sua vez apresenta identificação psicosssexual oposta ao seu sexo físico, passando a rejeitar esta condição, sendo que a luta do transexual seria a sua mudança, um modo de adequar a sua condição física ao seu psíquico. Para Fernanda de Almeida Brito (2000, p. 45) o “transexualismo” é:

(...) uma aversão e uma negação ao sexo de origem, o que leva esses indivíduos a protestarem e insistirem numa forma de cura através de cirurgia de reversão sexual, assumindo, assim, a identidade do seu desejado gênero. É uma reação psicopatológica sexual grave exteriorizada pelo sentimento ou desejo obsessivo de pertencer ao sexo oposto. A cirurgia, além de mutilante e irreversível, não transforma mulher em homem, nem homem em mulher, apenas satisfaz a anomalia psíquica do transexual.

É importante chamar atenção, para esta condição de “satisfação”, sentimento este, obsessivo do transexual em adequar a condição física à psíquica. Por se um processo, como dito acima, mutilante, o transexual passa por um longo processo para verificar se este desvio é significativo ou não, desta forma, o que até então era desejo, torna-se em grande arrependimento. Isto porque o transexual após uma avaliação inicial, passa por um processo pré-operatório, em que o transexual terá um acompanhamento médico que dura aproximadamente dois anos. Segundo o trabalho de conclusão de curso da aluna Jéssica Rediva Oliveira (2007, p. 33), durante este período de adaptação:

“(...) passa a trajar roupas segundo sua nova opção sexual perfazendo um acompanhamento psicoterápico onde inicia também o uso de hormônios. Só então pode ser feita uma conclusão para se averiguar a necessidade de se fazer a cirurgia de correção que será avaliada conforme o processo de adaptação tida pelo indivíduo.”

Diante deste breve esclarecimento sobre “intersexualismo” e “transexualismo”, fica fácil verificar que nos dois casos há grande diferença de “homossexualidade”, pois neste último, não existe má formação tão pouco um desvio comportamental comprovado, assim sendo, o homossexual que não renega o seu sexo, mas que tem preferência sexual por pessoas do mesmo sexo, ou ocasionalmente por pessoas do sexo oposto (bissexualidade).

Não sendo considerada a homossexualidade como doença ou desvio comportamental, é de se verificar que existe uma predileção, e assim passou-se a discutir se trata de questão de livre escolha ou que o mesmo já nasceu orientado a preferir a relação com pessoas do mesmo sexo, sexo oposto ou ambos, sendo neste caso tratado como orientação sexual.

## 2.2 ORIENTAÇÃO SEXUAL

Como exposto anteriormente, a homossexualidade não é considerada uma doença, tão pouco um desvio comportamental, assim, diante destas afirmativas, é de se questionar que a homossexualidade seria então uma preferência sexual, ou uma opção sexual? Muito vem se discutindo acerca do tema, em que se busca concluir se o sujeito homossexual seria homossexual por livre escolha (opção sexual), ou que ele já nasceu programado a ter esta preferência, ou seja, sua orientação sexual para o mesmo sexo que o seu, assim como o heterossexual, que já nasce com o desejo de se relacionar com o sexo oposto. Porém, o que seria então “orientação sexual”?

Para Gabriela Cabral, “orientação sexual” é:

(...) o nome dado à atração sexual que um indivíduo sente por outro, independente do sexo que esse possui, podendo ser assexual quando não sente atração sexual por nenhum gênero (sexo feminino ou masculino), bissexual quando sente atração pelos dois gêneros, heterossexual quando sente atração somente pelo gênero oposto, homossexual quando sente atração por indivíduos do mesmo gênero e pansexual quando sente atração por diferentes gêneros (transexuais) (CABRAL, Gabriela. **Orientação Sexual**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sexualidade/orientacao-sexual.htm>. Acessado em: 15 jun. 2008).

Para Maria Berenice Dias (2000, p. 40), “a homossexualidade não têm origem na livre escolha, pois se houvesse esta opção, muitos optariam em não ser homossexual.” Segue no mesmo entendimento Claudecy de Souza:

O indivíduo homossexual não faz opção por ser homossexual. Ele apenas é e não pode, ainda que queira, mudar isso. Ele pode sim, fazer uma opção no sentido de negar esse impulso e tentar viver como heterossexual. Mas isso tem um impacto negativo para o pleno desenvolvimento emocional do indivíduo. Trata-se de uma situação muito mais comum do que se imagina. O impulso sexual que um heterossexual tem por sua parceira é o mesmo

que um homossexual tem por seu parceiro do mesmo sexo. O que muda é o objeto. (SOUZA, Claudecy de. **Homossexualidade**. Disponível em: <http://pailegal.net/psisex.asp>. Acessado em 15 jun. 2008).

É com base em entendimentos semelhantes aos que foram exposto, que se tem convencido que a homossexualidade não é uma questão de escolha, mas de que o indivíduo já nasce inclinado a essa ou aquela opção sexual, e que qualquer tentativa de mudar esta orientação sexual, é totalmente infrutífera.

Aproveitando as palavras de Gabriela Cabral, ela cita que apesar de “inúmeras hipóteses e de milhares de estudos terem sido realizados com o intuito de descobrir a origem da homossexualidade e de que até agora não houve nenhuma comprovação de como isto ocorre”, é de se chegar a conclusão de que ser homossexual não deve ser mesmo uma livre escolha do indivíduo, pois se assim fosse, como poderia alguém por livre iniciativa, optar se relacionar com pessoas do mesmo sexo e suportar todo o tipo de humilhação e discriminação pelas quais a grande maioria passa? Neste mesmo sentido relata Maria Berenice Dias (2000, p. 41) “se ser homossexual fosse uma escolha, muitos homossexuais prefeririam não ser homossexual”, e assim estariam se poupando de sofrerem qualquer tipo de agressão moral, e por que não dizer, até mesmo física.

### **3 CONCLUSÃO**

A questão da homossexualidade é um tema de grande polemica, sendo o mesmo discutido em todo o mundo, em que psicólogos e médicos buscam encontrar as suas causas. Parece-nos que as suas causas não foram encontradas, tanto que a homossexualidade deixou de ser considerado doença ou transtorno social. Diante do que foi demonstrado, o que parece ser aceito pela grande maioria é que o sujeito homossexual já nasce orientado a ter atração a sujeitos do mesmo sexo. Diante do que foi exposto é possível concluir, que a homossexualidade não é uma doença e nem um transtorno psicológico, e que por este motivo, não existe qualquer motivo em dispensar qualquer tratamento diferenciado aos mesmos, devendo todos

nós dispensarmos tratamento igual, e quem sabe até os mesmo direitos e garantias que damos a maior parte da sociedade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

SPENCER, Colin (1999). **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BRANDÃO, Débora Vanessa Caús (2002). **Parcerias homossexuais: aspectos jurídicos**. São Paulo: RT, 2002.

DIAS, Maria Berenice (2000). **União homossexual: o preconceito & a justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.

BRITO, Fernanda de Almeida (2000). **União afetiva entre homossexuais e seus aspectos**. São Paulo: LTr, 2000.

SILVA, Américo Luís Martins da (1996). **A evolução do direito e a realidade das uniões**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 1996.

NETO, Arthur Virmond de Lacerda. **História da Homossexualidade – Parte 1 e 2**. Disponível em: <http://www.revistaladoa.com.br/website/artigo.asp>. Acesso em: 15 ago. 2008.